

DIDO E A RAZÃO DE SUA MORTE

Maria da Gloria Novak

RESUMO: Vida, amor e morte da fênícia Dido. O respeito à memória de Siqueu e a construção da Cidade. A chegada de Enéias e o casamento na gruta; abandono, remorso e morte: o fim. Ora, o novo amor consiste num duplo crime, do qual tem consciência a rainha. Qual é esse duplo crime? Dido mereceu morrer (como pensa)? Não mereceu (como diz o Poeta)? Como se explica a sua atitude em face do herói nos Infernos?

Sem dúvida, as figuras femininas são, na *Eneida*, grandes vítimas: de si mesmas (?), dos Deuses e do destino dos homens. Amata, Camila e Dido são as mais bem caracterizadas, quer na vida, quer na morte; e, sendo embora vítimas, não se mostram como vítimas passivas.

Antes de chegar a Dido, gostaria de focalizar outras personagens femininas da *Eneida*. Estas, por via de regra, são vítimas: e vítimas passivas. Sua principal característica é o sofrimento. Há três grandes exceções: Camila, a rainha guerreira, e Dido, a rainha organizadora; e, noutro nível, Amata, a rainha "doméstica". Não são pacientes, são agentes: até mesmo na morte, como veremos. Ainda assim, vítimas. Há ainda uma personagem que escaparia ao qualificativo *passiva*. É Ana, a irmã de Dido.

Primeiramente, o que é a *Eneida*?

É um poema de Públio Vergílio Maro (c.70 - 19 a.C.), poeta maior da época de Augusto, que na literatura latina tradicionalmente se conta a partir de 43, ano da morte de Cícero.

Na juventude (em 39, ou seja, provavelmente aos trinta e dois anos), o Poeta publicou as *Bucólicas*, poemas líricos de inspiração pastoril (*Omnia uincit Amor* X 69). Nos dez anos seguintes, compôs um dos mais belos poemas do Ocidente, *Geórgicas*, em que enaltece o campo (*Labor omnia uicit* I 145). E, na última década de sua vida, compôs a epopéia *Eneida*, sua última obra, que ele, aliás, sentindo a aproximação da morte mandou queimar, no que, felizmente para nós, não foi atendido (*Fata uiam inuenient* III 395; X 113).

A *Eneida* não é só uma epopéia inspirada nas helênicas *Ilíada* e *Odisséia* mas é a epopéia romana por excelência: é o poema da romanidade, o poema da

fundação e da grandeza de Roma, fundação e grandeza determinadas pelo Destino. E narra o destino de seu fundador, o troiano Enéias.

Todos conhecemos o roteiro da *Eneida*, poema em doze livros.

Nos seis primeiros, encontramos o herói nos mais variados pontos entre Tróia e Cartago: sobre o mar e sobre a terra, e também nos subterrâneos da península Itálica.

Nos seis últimos, o troiano, já na Península, enfrenta e vence os obstáculos que se lhe oferecem à fundação de Roma. São livros de guerra, plenos de episódios de amizade e amor, bravura e insensatez.

Nos livros I a IV e no livro VI, encontramos, face a face, os protagonistas do episódio de Dido.

No *livro I*, o troiano chega, naufrago, às costas da Líbia, por artes de Juno, sua inimiga e protetora de Cartago. Juno vê na presença dos troianos ali uma segurança para Dido contra os chefes vizinhos – que cobiçavam ao mesmo tempo a cidade e a rainha –, o mais ardente dos quais era Jarbas, filho de Júpiter. Mas Vênus, que protege o filho, quer vê-lo na Itália; não confia numa cidade protegida por Juno e, com o auxílio do filho Cupido, faz nascer na pobre Dido um amor sem fim pelo herói (cf. 674.749).

No *livro II*, este conta à rainha os últimos fatos que presenciou em Tróia até a perda da esposa, o encontro de sua sombra, e a difícil decisão de partir. A cidade está prestes a cair às mãos do inimigo. Este inimigo são os gregos. Todos conhecemos a causa alegada da guerra de Tróia: Helena, esposa do chefe grego Menelau, abandona o lar e segue o belíssimo troiano Páris Alexandre, filho de Príamo, o rei. Os gregos, chefiados por Agamenão, irmão do ofendido Menelau, vão à guerra. Cercam a cidade, num cerco terrível de uma década. E depois, todos sabemos: o cavalo e tudo o mais. Helena é reconquistada. Volta ao lar e envelhece digna e tranqüilamente.

No *livro III*, enfim, Enéias relata a construção dos navios, a partida e a longa viagem. Afastam-se da Frígia e, por sete anos, vagueiam de oráculo em oráculo, quer dizer, de déo em déo, porque os oráculos são difíceis de entender e de lembrar. Chegam à Sicília, onde o herói perde o pai (708), fato que nenhum oráculo havia predito. A essa altura, já conhece o seu destino: a península Itálica – uma terra fértil, chamada Hespéria, onde corre o rio Tibre e onde o esperam uma esposa real e um reino, segundo profetizara a sombra de Creúsa (II 772), primeira esposa, que ele perdera em Tróia.

O *livro IV* é totalmente dedicado à paixão. Setecentos e cinco versos de uma história de amor, heroísmo e sacrifício. Amam-se Dido, rainha de Cartago, e Enéias, destinado a ser o fundador de Roma: a rainha esquece a Cidade; o herói esquece a Itália. Está cansado de sete anos de incertezas no mar e se entrega à paz e à segurança de uma cidade erguida, e ao amor. É preciso que o mensageiro de

Júpiter o chame à realidade de sua vida e de seu destino (265-76), destino que ele próprio aceitara – e é por isso que obedece: chorando, abalado o espírito pelo grande amor, como diz o Poeta (332-95.448).

A seguir, no *livro V*, os ventos, um ano após a morte de Anquises, levam os troianos de volta à Sicília. O herói faz realizar jogos fúnebres em honra ao pai (46). As troianas, inspiradas por Juno, tentam incendiar a frota, mas uma chuva limita a perda a quatro navios. Anquises aparece em sonho a Enéias e lhe ordena visitá-lo no país das sombras (772), com a Sibila de Cumas. O troiano parte em direção ao Continente, acompanhado dos fortes, enquanto os fracos permanecem na Ilha e fundam uma cidade. Os que embarcaram atingem seguros a Itália mas perdem na travessia o seu piloto Palinuro.

No *VIº livro*, chega Enéias à Campânia e procura a Sibila, arauto de Apolo, que prediz as lutas que o herói terá de enfrentar para conquistar as terras que lhe reserva o Destino. Enéias e a Sibila descem ao país dos mortos. Atravessam o Cocito e passam por todas as regiões dos Infernos: pela dos que morreram ao nascer; pela dos inocentes, condenados injustamente; pela dos suicidas que se arrependem do seu gesto (434-7) – e Dido não está entre esses; pela região das vítimas do amor (440 et seqs), onde Enéias encontra Dido e jura que foi contra a vontade que abandonou o litoral da Líbia: tão contra a vontade como abandonara Ílio, mas curvando-se à vontade do Destino (cf. II 804 e VI 460: *cessi*); e chora e tem piedade da rainha, diz o Poeta; passam a seguir pela região dos mortos na guerra – e os soldados de Agamenão fogem ao ver o troiano; encontram aí Deífobo (494), irmão de Páris e terceiro marido de Helena, que a bela entregara aos gregos na última noite; atravessam depois a região dos castigos dos criminosos e chegam à dos benfeitores da humanidade (637), que esperam o fim dos seus mil anos de purificação para voltar à terra. Entre estes está Anquises. O pai mostra ao filho o futuro de Roma e a grandeza de sua raça (*te tua fata docebo*, 756 et seqs), destino depois descrito no escudo feito por Vulcano (cf. VIII 626-728). E o fundador volta com a sacerdotisa à superfície da terra.

A partir de então, não mais abandona a Península.

No *livro VII*, está na embocadura do Tibre (25), no ponto que lhe é destinado e que ele tem de conquistar pelas armas. Aí encontra o rei Latino, a filha deste, Lavínia, noiva do chefe rútilo, Turno. Oráculos haviam anunciado a chegada do herói (59) e este é bem recebido por Latino, que nele vê o genro prometido por Fauno, seu antepassado (249 et seqs). Juno encoleriza-se e, à sua ordem, uma das Fúrias, Alecto, a mais terrível (de cabeça envolta em serpentes), inspira a rainha e Turno contra o troiano (341). Ainda por arte de Alecto, Iulo mata uma corça de estimação, e a luta começa (475 et seqs).

No *livro VIII*, fortalece-se a confiança de Enéias em si mesmo e no seu futuro. O arcádio Evandro e o Deus do Tibre ajudam-no a encontrar-se: o herói aceitara o seu destino e o Destino deve cumprir-se: *fata uiam inuenient*, dirá Júpiter na assembléia dos Deuses (X 113). É o Deus do Tibre quem o aconselha a

procurar Evandro, estabelecido em Palanteu (18). Este mostra-lhe o sítio em que se erguerá Roma (306). Diz-lhe que os etruscos lutarão com ele contra o seu próprio rei, Mezêncio, e contra Turno. Fecha-se o livro com a descrição do escudo de Enéias, forjado por Vulcano e no qual se vê o futuro e a grandeza de Roma.

No *livro IX*, na ausência de Enéias, que fora buscar a aliança dos etruscos chefiados por Tarco, os rútuos tentam incendiar os navios troianos, mas estes se transformam em Ninfas (107). Ascânio, o filho do herói, mata o primeiro inimigo e recebe o conselho de Apolo (656) – o mesmo conselho que Anquises dera ao filho nos Infernos: evitar a guerra. Os rútuos invadem o campo troiano. Luta-se ferozmente. Os troianos fogem, reagem. E Turno foge.

No *livro X*, assembléia dos Deuses: estes podem atrasar o Destino mas não podem impedir que se cumpra. Os rútuos atacam (118). Volta Enéias, a quem se aliaram Tarco e os etruscos, tirrenos e lígures (308). Odeia-se, luta-se. Turno mata Palas, filho de Evandro, o que, ao fim, lhe custará a vida. Enéias mata o rei etrusco, Mezêncio, e o filho deste, Lauso, episódios dos mais belos e significativos do poema e que, em geral, mais se recomendam à leitura (798 et seqs.833 et seqs).

No *livro XI*, honras aos mortos nos dois campos. Evandro recebe o corpo do filho (139). Os latinos querem a paz (296). Turno propõe enfrentar sozinho o rival, mas um ataque troiano interrompe o conselho de guerra (445). Neste livro, a morte de Camila (778 et seqs), figura magistralmente construída e à qual adiante voltarei.

Enfim, no *último livro, XII*, Enéias e Latino concluem o pacto segundo o qual o troiano e o rútuolo, em combate singular, decidirão a guerra. Os rútuolos rompem o pacto e o troiano é ferido. Vênus cura o filho. Enéias e Turno devastam as fileiras; e quando o herói decide invadir a cidade latina, a rainha desespera-se e mata-se. Enfim, o combate singular. Júpiter proíbe a esposa, Juno, de voltar a interferir no destino do herói. O troiano vence o rútuolo, recebe a mão de Lavínia e aí está, segundo Vergílio, o começo da história de Roma: *fata uiam inuenerunt*, "os destinos encontraram seu caminho".

Focalizemos as figuras femininas.

Estão a merecer carinhoso estudo as mulheres anônimas da *Eneida*. Na Sicília, as troianas que tentam incendiar a frota (V 613 et seqs); na Península, mães de Palanteu e mulheres de Ílio, a chorar a morte do filho de Evandro (XI 36.146); latinas que maldizem a guerra (215), ou, aflitas, ocupam as torres para ver o combate entre Enéias e Turno (XII 131); ou se cobrem de luto com Lavínia pela morte de Amata (604-7): vítimas, sempre vítimas; e a mãe de Euríalo, a chorar a perda do filho (IX 284 et seqs.473-502): mãe sem nome próprio, como a representar as mães de todos os pobres Euríalos sacrificados na insensatez das guerras.

Excetuemos essas grandes vítimas anônimas e também as Deusas e as semideusas, as Fúrias e a Sibila.

Encontramos primeiro, em *Tróia*, Cassandra, Hécuba e as noras, Helena, Andrômaca e Creúsa.

Cassandra aparece uma única vez na *Eneida* (II 403). Com os cabelos em desordem, a virgem filha do rei Príamo é arrastada pelos gregos, erguendo inutilmente os olhos ao céu: os olhos, que as mãos as tem presas. A sua imagem é de grande aflição e dor.

Hécuba é a esposa de Príamo: com as cem noras, testemunha o assassinio do marido. A primeira imagem que dela se tem é de pânico, diante da ruína dos muros do palácio (II 486-90). Depois interpela amorosamente o esposo, quando o vê portando armas então inúteis (519-25). Veremos que é sempre amoroso o modo como as esposas se dirigem ao marido: aqui Hécuba, depois Creúsa; na Península, Amata.

Helena, Enéias a vê sentada à entrada do templo de Vesta, silenciosa e escondida (II 567-8), após haver cometido os crimes que o terceiro esposo, Deífo-bo, chamando-a *egregia coniunx*, conta nos Infernos a Enéias (VI 511-30). Vênus é mais indulgente com Helena: diz que não foram nem a detestável beleza da argiva nem a culpa de Páris a causa dos males de Ílio, mas a inclemência dos Deuses (II 601-3).

A *Andrômaca*, esposa do chefe Heitor, chama-a o Poeta *infelix* (II 455). Reduzida à escravidão após a queda de Ílio, chorando inconformada a perda do filho e do esposo, a vida serena em Butroto não lhe apaga as antigas dores e humilhações (III 294-345).

A mãe de Iulo, *Creúsa*, a esposa literalmente perdida no tumulto da guerra, presente ao longo de mais de duzentos versos do livro II (562-794), filha dos reis de Tróia, é uma das grandes vítimas no poema. O seu primeiro epíteto é *deserta*, "abandonada" (II 563). Sua imagem é de dor, submissão e súplica (651 et seqs), amor e bom-senso: abraçada aos pés do marido ante a queda iminente de Tróia, suplica-lhe que a leve com ele à morte ou defenda o lar (*hanc primum tutare domum* II 677). Desaparece ao abandonar a cidade (738-40), e o herói nunca mais a encontra viva: somente lhe vê a sombra, triste imagem, que o chama *dulcis coniunx* e lhe profetiza um novo reino e uma esposa real (769-94).

Na Península, vemos Caieta, Sílvia, Lavínia e Amata, e Camila.

Os funerais de *Caieta*, a ama, iniciam o livro VII (1-6): é enterrada na costa do Lácio e esse é, simbolicamente (?), o primeiro ato do herói em terra firme.

A *Sílvia* (VII 92.483 et seqs), filha do pastor do rei, cabe a tristeza de ver assassinado o seu animalzinho de estimação.

A primeira menção de *Lavínia*, filha dos reis do Lácio, está no livro VI (760 et seqs), nos Infernos, onde é chamada *coniunx*. Anquises mostra a Enéias o último filho que lhe dará Lavínia, Sílvio, futuro rei de Alba Longa. Volta, a seguir, nos livros VII, XI e XII. À revelia dos seus, deseja o rei acolher no Lácio o troiano. A virgem Lavínia, causa de tanto mal (*causa tanti mali*, como diz o Poeta, XI 480), é desejada por muitos pretendentes (VII 52-5), o mais ardente dos quais – e fatal – é Turno, chefe dos rútuos. Cora diante do apaixonado Turno e chora à idéia de perdê-lo (XII 64-7); mais tarde, entrega-se à dor ao ter conhecimento da morte violenta da mãe (605-6).

Pudor e sofrimento são as suas características; pobre vítima indefesa por mais que tente protegê-la a mãe: Turno quer Lavínia, mas Enéias quer a Itália. A menina é condição e o Destino deve cumprir-se.

A história da rainha do Lácio, *Amata*, de sorte inglória, uma das três figuras femininas mais fortes e mais bem construídas da *Enéida*, é intimamente ligada à da filha. Admira Turno e o quer para genro (VII 56-7): admiração e querer desastrosos, porque o rútilo não terá a mão da jovem, e tudo gira em torno disso. Amata chora e fala mansinho (357), como falam no poema as esposas: e docemente censura o marido, que quer dar a filha em casamento a um estranho, sem ter piedade quer da filha, quer da esposa, quer de si mesmo. Acusa o troiano de querer roubar-lhes a menina, como Páris roubara Helena (*sic*). É um discurso longo e inútil. Atormentam-na inquietações e iras.

Então o veneno que lhe instilara a serpente da cabeleira azulada de Aleto começa a agir, e a infeliz, fora de si, percorre delirante a cidade. (*Infelix*, diz o Poeta, *sine more, lymphata* VII 376-7). Esconde a filha nos montes frondosos e a consagra a Baco! E, ao seu exemplo, todas as outras mães saem de casa transformadas em bacantes. A rainha, tendo nas mãos um galho de pinheiro, canta o hino nupcial para a filha e Turno e incita as outras mães às orgias báquicas (385-403).

Mais tarde, aterrorizada pela sorte da batalha, chorando, quase a morrer (*conterrita sorte flebat... moritura*, diz o Poeta, XII 54 et seqs), procura conter o ardor do genro.

Depois, ao julgá-lo morto, perturbada pela dor, clama que ela própria é a causa dos males e, demente, falando muito no seu triste furor, quase a morrer, diz novamente o Poeta, rasga os mantos de púrpura e, mísera, prende do alto de uma trave o nó da morte deforme:

*Infelix, pugnae iuuenem in certamine credit
exstinctum et subito, mentem turbata dolore,
se causam clamat crimenque caputque malorum,
multaque per maestum demens effata furorem
purpureos moritura manu discindit amictus
et nodum informis leti trabe nectit ab alta (XII 598-603).*

São eloqüentes os seus epítetos, eloqüente a sua descrição, eloqüente o processo de demência que a domina até culminar na morte horrenda.

Amata e Dido são as grandes vítimas de Deusas: a peninsular, de Juno; a tília, de Vênus. (Ou serão vítimas de si mesmas, como pensam?) Ambas morrem pelas próprias mãos e, embora decorram ambos os suicídios de um momento de consciência, diferem no entanto: para Amata, fim; para Dido, como veremos, reinício.

E chegamos a *Camila*.

Esta, rainha dos volscos, é guerreira, *aspera uirgo* na expressão de Vergílio, que a compara ao gavião (IX 664.721-4), uma das duas únicas mulheres verdadeiramente agentes do poema. Consagrada a Diana, a sua história é emocionante. Surge no fim do livro VII (803-17) no desfile das tropas, e o seu surgimento é uma visão de beleza:

"(...) Da nação volsca chegou Camila chefiando um esquadrão de cavaleiros e tropas brilhantes de bronze. Guerreira por excelência, não habituara suas mãos femininas à roca ou aos cestos de Minerva mas a suportar, virgem, duras batalhas e, na corrida, a ultrapassar os ventos. Ímpar, ou voaria por sobre as espigas de uma seara intacta sem ferir, na corrida, as tenras hastes ou, pelo meio do mar, deslizando por sobre a onda intumescida caminharía sem molhar os rápidos pés.

A guerreira, toda a juventude e as agitadas mães, precipitando-se de casas e campos, atônitas e boquiabertas a admiram e contemplam enquanto passa: o régio manto que vela com púrpura o belo porte; a fivela que entrelaça de ouro a cabeleira; ela própria, que porta a aljava lícia e a murta pastoral, guarnecida de ponta de lança".

Volta no décimo primeiro livro (498 et seqs.604-7.648 et seqs). Filha de Metabo, a sua história, quem a conta é Diana (XI 535-96).

O pai, cruel rei dos volscos, expulso de seu reino foge por entre lutas de guerra e leva, apertada ao peito, a filha pequena, Camila, companheira de exílio. Percorre montes e bosques. Perseguem-no, de todo lado, setas e, ao seu redor, voam os volscos. Eis que, em meio à fuga, chega a um rio, transbordante por causa das chuvas. Ele, preparando-se para mergulhar, é retido pelo amor à filha e teme pelo fardo que é o objeto de seu amor. A pensar em mil soluções, repentinamente decide. Acomoda a filha em pedaços de cortiça, enrola tudo em cascas de árvore e equilibra e prende o bebê enroladinho ao meio do dardo enorme e sólido, porque feito de carvalho nodoso, que ele, guerreiro, portava com mão forte. Ergue o dardo, balança-o com o bebê preso a ele e reza a Diana:

"Doce virgem filha de Latona, habitante dos bosques, a ti eu próprio, o pai, dedico esta serva. Portando pela primeira vez as tuas armas, suplicante, através das brisas foge ao inimigo. Recebe com meu testemunho, Deusa, como tua a que agora é entregue às brisas incertas" (XI 557-60).

Diz. E lança o dardo.

A menina voa por sobre o rio; o pai atira-se à água, escapa aos inimigos e, na outra margem, arranca do capim o dardo com a garotinha, que é, já então, um dom a Trívia. Nenhuma cidade o recebeu. Viveu nos montes vida de pastor. Alimentava a filha com o leite de uma égua. Quando a menina aprendeu a andar, ar-

mou-lhe as mãos com uma lança aguda e pendurou ao ombro da pequena o arco e as flechas.

Camila, diz o Poeta, não teve ouro nos cabelos nem longos vestidos: uma pele de tigre pendia-lhe da cabeça ao longo das costas; e sabia girar a funda por sobre a cabeça e abater o cisne branco. Muitas mães a quiseram por nora, mas a jovem contenta-se com Diana: cultiva o amor às armas e à virgindade.

Agora a Deusa lamenta que Camila tenha entrado na guerra, porque os presságios são infaustos. Dá à companheira, Ópis, o arco e a aljava, e lhe ordena vingança: morra aquele que ferir a rainha. Ela mesma levará, numa nuvem, o corpo e as armas da guerreira, para enterrá-los num túmulo na Pátria. E Ópis desce à terra.

A seguir, o Poeta mostra-nos, entregue à luta, o esquadrão de Camila. Esta, portando a aljava, ou atira ou, melhor, esparge setas (*lenta... spargens hastilia denset*, como diz Vergílio, XI 650) ou brande o machado de dois gumes. Ao ombro, o arco de ouro e as armas de Diana. Mesmo quando bate em retirada, volta-se e espalha flechas. Luta cercada de sua guarda de honra: três companheiras escolhidas entre as peninsulares. E luta, *aspera uirgo*, e vence.

Um lígure a desafia a lutar a pé. Camila se deixa enganar: apeia, mas o guerreiro foge a cavalo. A rainha torna a montar, persegue-o, vence-o. Mas outro, inspirado por Júpiter, incita os companheiros contra a guerreira (XI 725). E outro, Arrunte, decide derrubá-la: segue-a de perto. Camila, de repente – e esse é o seu único erro –, vê Cloreu com a clâmide cor de açafão, todo brilhante em ouro nas suas armas frígias; até o cavalo está enfeitado por uma pele de animal entretecida de ouro. A visão é excessiva! Guerreira ou gavião, Camila é mulher. Não vê mais nada: só Cloreu. E assim acaba caindo às mãos de Arrunte, que lança o dardo rezando a Apolo, o mais divino dos Deuses, e pedindo-lhe não troféus ou despojos mas apenas o poder de ferir Camila e vingar a desonra de suas armas (XI 785-93). Logo que o lança, todos os volscos olham na direção da rainha: ela nem ouve nem vê nem percebe nada. E o dardo lhe penetra fundo no seio e, como diz o Poeta, lhe bebe o sangue (XI 801 et seqs).

A guerreira puxa com a mão o dardo mortal, mas este está preso. Comandante, ordena a uma das companheiras que fuja e leve a Turno as últimas ordens: que se entregue à luta e afaste da cidade os troianos. A morrer, a guerreira tem consciência de sua força (*potui* XI 823), que ora se extingue e das trevas que começam a envolvê-la. E diz adeus (*iamque uale* 827). O Poeta faz morrer Camila como viveu: senhora de si, embora vencida:

*(...) Simul his dictis linquebat habenas
ad terram non sponte fluens; tum frigida toto
paulatim exsoluit se corpore lentaque colla
et captum leto posuit caput arma relinquens
uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras (XI 827-31)*

"Largava as rédeas enquanto falava
escorregando à terra, contra a vontade; então, fria, pouco
a pouco, soltou-se de todo o corpo e, lenta, apoiou a nuca
e a cabeça vencida pela morte, abandonando as armas;
e a vida, gemendo, foge indignada para o reino das sombras".

Perdida a rainha, a primeira a fugir é a sua ala; seguem-na os rútuos (XI 868 et seqs), ao passo que correm à luta os teucros, os tirrenos e os arcádios de Evandro (832-5).

Há vários aspectos interessantes aqui. Primeiro a identificação de Camila a sua alma e a sua vida, o que, embora seja imagem corrente na poesia clássica, não deixa de ter grande força neste passo. Também a sua indignação e dor ao enfrentar o caminho das sombras: indignação pelo erro cometido, que a obriga a abandonar o corpo e as armas. E, ainda, a fuga dos seus soldados ao vê-la morta: porque a rainha era o centro da força; ela mesma o dissera (*potui* XI 823).

Finalmente, em *Cartago*, fora do roteiro, em perturbador *intermezzo*, encontramos a grande vítima *Dido*, que sobressai, como no céu o sol nascente apaga as estrelas, para empregar uma expressão lucreciana; e também *Ana*, a irmã, o Cícero de Dido.

Não tenho a intenção de estudar o comportamento do herói em relação à rainha, o que fiz noutra publicação (*Calíope* 7). Parece-me, no entanto, importantíssimo destacar, na sua vida e em todos os seus atos, o papel do Destino. Quanto ao mais, o meu interesse consiste, precipuamente, em estudar *a razão da morte de Dido*, que, aliás, não pertence ao contexto da fundação de Roma (embora se projete para o futuro, na figura do seu vingador, Aníbal).

Sempre me interessei pelo suicídio da Fenícia, pelo seu amor ao troiano e, principalmente, pelo seu amor a Siqueu e pelo amor de Siqueu, além da morte. Sempre me impressionou vê-la com o marido nos Infernos, o que, afinal, repugna a alguns estudiosos. Sempre me desconcertou o modo como Dido *olharia* – porque o fato é que não olha – Enéias nos Infernos: *torua tuens*, que os intérpretes são quase unânimes em traduzir por alguma coisa como "olhares furiosos" – e sempre me pareceu que não era isso: e não é. E decidi entender o que não entendia.

Se o lugar de Elissa é ao lado de Siqueu – e é, porque assim o quer o Poeta –, qual a razão pela qual pode voltar ao primeiro amor? Como explicarlhe a morte? – Cumprimento do destino? Afinal a *Eneida* é uma epopéia e o Destino será a personagem principal. – Castigo? Sempre havia pensado que o suicídio era um castigo. Será um castigo a morte da Fenícia? Por outro lado, mata-se por Enéias? Se não, como explicar que o seu pensamento esteja voltado para ele até o último suspiro? São as perguntas que me faço.

Primeiramente, quem é Dido?

Em Tiro, é esposa de Siqueu, o mais rico dos fenícios, e o ama com grande amor (I 340-4). Eis o primeiro esboço do retrato: é esposa que ama (*uxor amans*

343.352). Siqueu é morto pelo cunhado Pigmalião. Dido foge com o tesouro do marido e os tírios que odeiam Pigmalião. De fato, comanda a fuga. Eis o segundo traço do retrato: como Camila, é comandante (*dux femina facti* I 364).

Em Cartago é rainha, é a belíssima Dido, comparável a Diana (I 496-503). Rica e poderosa, dita aos homens o direito e as leis ela, a quem Júpiter concedeu o fundar uma nova cidade e conter pela justiça orgulhosas nações (507-23). Experiência do mal, socorre os infelizes (630), e à chegada dos troianos lhes oferece a Cidade:

Voltis et his mecum pariter considerare regnis?

Vrbem quam statuo uestra est (I 572-3)

"Quereis também estabelecer-vos comigo, igualmente, nestes reinos? A Cidade que ergo é vossa".

Entretanto Vênus, que teme os fenícios (I 861) e teme, principalmente, o poder de Juno, inimiga do troiano, imagina para proteger o filho novas artes; e decide inflamar na rainha um grande amor, que nenhum poder divino possa mudar: o que faz, na primeira noite, no primeiro banquete, por meio do filho Cupido (I 657 et seqs). E aquele coração, que perdera o hábito de amar, é inflamado de um amor novo e vivo, que suplanta a fidelidade à memória de Siqueu (719-22).

Assim, a rainha, que vivia como planejara sua vida, a belíssima, qual Diana, a felicíssima Dido, se transforma, sem saber (*in scia* I 718), na infeliz, na mísera, na misérrima Fenícia¹: "bebe" um amor sem fim (749), que Deus nenhum pode mudar (674), e se consome num "fogo que arde sem se ver" (*caecus ignis*, diz o Poeta, IV 1-2).

E começa a pensar que, *se não* houvesse decidido não se unir a ninguém pelos laços conjugais depois que a morte levara o seu primeiro amor, *se não* tivesse desgosto do tálamo e das tochas nupciais, talvez pudesse sucumbir a essa culpa: só a *essa culpa*. Reconhece os vestígios da antiga chama: entretanto quer ser devorada pela terra ou fulminada pelos raios de Júpiter *antes de* violar o pudor ou romper juramentos de fidelidade. Siqueu levou o seu amor, diz: que o tenha e o conserve consigo no sepulcro (IV 15-29). Dido quer lutar, e luta. Cupido, na verdade, nem lhe apagou a lembrança de Siqueu nem a consciência da culpa: a consciência permanece fiel. Os sentidos, não mais.

Consulta a irmã, que lhe diz as palavras que os sentidos desejam ouvir (IV 31-54): palavras que mais lhe inflamam de amor o coração e lhe dão esperanças ao espírito indeciso e lhe cortam os laços ao pudor:

(1) *Infelix*: I 712. 749. IV 529.596. VI 456; *misera*: I 719. IV 429; *miserrima* IV 117; *moribunda*: IV 323; *moritura*: IV 308.529.604.

*His dictis impenso animum inflammauit amore
spemque dedit dubiae menti soluitque pudorem* (IV 54-5).

Já não se compara a rainha a Diana mas a uma corça ferida que dispara pela floresta, fora de si, com o ferro mortal preso ao flanco:

*Vritur infelix Dido, totaque uagatur
urbe furens, qualis coniecta cerua sagitta* (IV 68 et seqs).

Juno, vendo-lhe o sofrimento e vendo interrompida a construção da Cidade (IV 88), e revoltada porque a pobre Dido é vítima do ludíbrio de duas divindades, propõe a Vênus o casamento dos heróis:

*Quin potius pacem aeternam pactosque hymenaeos
exercemus? Habes tota quod mente petisti:
ardet amans Dido traxitque per ossa furorem.
Communem hunc ergo populum paribusque regamus
auspiciis: liceat Phrygio seruire marito
dotalisque tuae Tyrios permittere dextrae* (IV 99-104)
"Por que não preferimos uma paz eterna e laços conjugais?
Tens o que, de todo o coração, pediste:
arde uma Dido amante e leva a paixão nos ossos.
Governemos, pois, um só povo, sob os mesmos
auspícios; seja-lhe permitido obedecer a um marido frígio
e confiar à tua destra, como dote, os tírios".

Vênus compreende a intenção, que não é outra senão afastar Enéias da Itália – mas concorda e sorri (IV 128).

O que é muito importante observar é que, para Dido, embora não para Enéias (cf. IV 338-9), – e essa é a razão do sorriso de Vênus – houve casamento: estiveram presentes Juno, a protetora do matrimônio, as Ninfas, as tochas e o éter cúmplice das bodas. Mas o herói não os viu. E esse dia foi o primeiro da morte da rainha; esse dia foi a causa dos seus males (166-70).

Dido se detém a bordar com fios de ouro os mantos do herói (IV 263-4) e invoca a legitimidade da nova união para esquecer a infidelidade à primeira (cf. Guillemain 1968: 242), mas nem a legitimidade de um amor consagrado pelo matrimônio anula a culpa com relação a Siqueu: e essa culpa e o remorso decorrente dominarão mais tarde a Dido abandonada por Enéias.

Jarbas, antigo pretendente recusado, reclama ao pai, Júpiter Hamon. Este envia Mercúrio, que interpela o troiano, que, entregue ao amor, esquece a Itália. E Enéias deve partir.

A rainha pressente o que está para acontecer: quem pode enganar um coração que ama (IV 295)? Imediatamente pensa na morte, porque pensa em Siqueu. Mas procura o herói. Invoca o amor, o casamento²; chama-lhe *perfidus*; invoca a morte para dissuadi-lo de partir³; invoca o perdido pudor e a fama, e a solidão (305-30). Chora, implora e suplica (413-4). O herói resiste (438-49).

Então a misérrima Dido, aterrorizada pela vergonha e pela solidão iminente, anseia pela morte: vem-lhe o desgosto de ver o céu (IV 450-1). Lembra-se de que não lhe era permitido viver, sem crime, a vida segundo o costume das feras; lembra-se das promessas feitas às cinzas de Siqueu (550-3). Repudiada, ela mesma sente como paixão adúltera o segundo casamento. Perdida a honra, derrotada pela dor e pelo remorso, decide morrer⁴

Quin morere ut merita es? Ferroque auerte dolorem (IV 547)

"Por que não morres, como mereces? Afasta com o ferro a dor".

É enorme o desejo de voltar ao primeiro amor: ouve o marido a chamá-la; ouve a coruja, com o seu canto fúnebre e o lamento. Sonha com o herói a repeli-la e se vê sempre sozinha, por um caminho longo, a procurar os tírios na terra deserta (IV 460-78). Se pudesse apagar o *intermezzo* troiano!

*Felix, heu nimium felix, si litora tantum
numquam Dardaniae tetigissent nostra carinae* (IV 657-8)

"Feliz, ah!, muitíssimo feliz se, ao menos, as naus dardânicas não houvessem jamais atingido as nossas praias!"

Tem horror à luz e à vida (IV 692), porque anseia pelo silêncio e pelas sombras que envolvem Siqueu:

*Vixi et quem dederat cursum fortuna peregi,
et nunc magna mei sub terras ibit imago (...) Moriemur inultae,
Sed moriamur (...) Sic, sic iuuat ire sub umbras* (IV 653-4,9-60)

"Vivi e percorri o caminho que me dera a fortuna.

E, agora, uma grande imagem minha irá para debaixo da terra.

Morreremos sem vingança: morramos porém (...)

(2) *Data dextera quondam* (IV 307); *per conubia nostra, per inceptos hymenaeos* (316); *coniugium antiquom quod prodidit* (Aeneas) 431).

(3) *Nec moritura tenet crudeli funere Dido* (IV 308)? *Cui me moribundam deseris (...)* (323)?

(4) *Ergo ubi concepti furias euicta dolore decreuitque mori* (IV 474-6): entendo *concepti furias* como "sentir remorso", porque, de fato, o remorso enfurece, enlouquece.

Assim, assim quero ser envolta pelas sombras".

Decidida a expiar a culpa (*certa mori*, como diz Mercúrio, IV 564), ordena os preparativos do sacrifício: o leito conjugal⁵, os despojos do amante e as vítimas (636).

A irmã não entende (IV 500-2). Ana jamais, aliás, entendeu o coração de Elissa: pensa na Cidade. Já antes, a uma Dido indecisa diante da promessa ao marido e indecisa diante do novo amor, racionalizara: primeiro, dizendo que os mortos estão bem mortos, o que não é verdade: eles vivem em nós, na lembrança que temos do amor que tivemos; a seguir, dizendo que havia perigo de todos os lados para Cartago; e, terceiro, lembrando o quanto podia crescer a glória de Cartago, se Dido tivesse o troiano por marido (34-49).

Enfim, morre a Fenícia Dido. Convencida de culpa, ergueu o altar do sacrifício e *foi a própria vítima expiatória*.

Que culpa? – Dupla: contra as promessas feitas a Siqueu e não cumpridas; e contra si mesma, o pudor, a honra, a fama.

Poderíamos imaginá-la culpada em relação à Cidade. A rainha, porém, não se vê assim: *urbem praeclaram statui, mea moenia uidi* (IV 655). Nem a vê assim o Poeta: *nec fato merita nec morte* (696). Dido não morreu para cumprir o destino. A *Eneida* é uma epopéia: mas o episódio de Dido é um conto de amor. Também não morreu de morte merecida. Mísera, morreu antes da hora, dominada por um súbito amor (697), do qual não pôde nem poderia jamais livrar-se. Vênus o determinara: amor que Deus nenhum poderia mudar, o que explica o não querer vingar-se do herói, e o que explica o seu pensamento voltado para ele até o último instante de sua vida.

Ovídio, que alguns estudiosos consideram o menos indicado entre os exegetas de Vergílio, é, ao meu ver, quem melhor entendeu o coração da Fenícia. Escreve em pretensa *Carta de Dido a Enéias*:

Et quo, si non sim stulta, carere uelim.

Non tamen Aenean, quamuis male cogitat, odi,

Sed queror infidum quaeque peius amo (28-30)

"(...) Não fosse eu insensata, quereria passar sem ele; Enéias, no entanto, embora planeje o mal, não o odeio, mas lamento-o, infiel, e, lamentando-me, pior o amo"

Pensando no pudor e em Siqueu, teria Dido escrito ainda:

Exige, laese pudor, poenam et uiolate Sychaeae

Ad quem, me miseram, plena pudoris eo

(5) *Lectum iugale quo perii* (IV 496-7).

(...)

Da ueniam culpae (97-8.105)

"Exige, pudor ferido, meu castigo, e também traído Siqueu,
a quem me dirijo, pobre de mim, cheia de vergonha.
Perdoa minha culpa".

De fato, o que Elissa procura na morte é a companhia de Siqueu. Tanto que, nos Infernos, *não* está entre os que se arrependem de haver procurado a morte. Dido *não* se arrepende; e está nas planícies que choram, entre os que o duro amor devorou com seu veneno cruel, e aos quais não abandonam, nem na própria morte, as inquietações. O que explica a sua atitude ao se deparar, lá, com o herói: inflamada (*ardens*), não o encara; de olhos baixos, ouve-o e, já agora senhora de si, não demonstra qualquer emoção; afinal, sem amor ao troiano (*inimica*, diz o Poeta), se refugia no bosque onde o primeiro marido, Siqueu, lhe responde às inquietações e corresponde ao amor (467-74).

Há, ainda, um dado que me parece interessante. Se a rainha não se considera culpada em relação à Cidade, e também não a consideraria o Poeta, Ana talvez pense diferentemente:

Exstincti te meque, soror, populumque patresque

Sidonios urbemque tuam (IV 682-3)

"Destruíste a ti e a mim, irmã, o teu povo e os nobres
sidônios e a tua Cidade".

Ora, Dido ao procurar a morte é a *mulher*, a *amante*, mas arrasta consigo a rainha. E Ana sofre naturalmente como irmã de Elissa, mas não sei se não, principalmente talvez, como irmã da rainha de Cartago; e não sei se não interpreta o sentido romano de valorização da Pátria. E se Ana é o duplo de Dido, como em geral se diz, então será o duplo *rainha, comandante*: não amante, mulher, apesar da impressão contrária que pode, às vezes, causar-nos (cf. IV 34 et seqs), o que, ao meu ver, não importa; nem creio que importasse realmente a Vergílio. Volto a Ovídio, que termina a *Carta de Dido* com estas palavras:

Nec consumpta rogis inscribar Elissa Sychaei;

Hoc tamen in tumuli marmore carmen erit:

"Praebuit Aeneas et causam mortis et ense;

Ipsa sua Dido concidit usa manu"

"Consumida pela pira não terei a inscrição *Elissa de Siqueu*.

Estes versos, porém, se encontrarão no mármore do túmulo:

Deu Enéias tanto a causa da morte como a espada.

E Dido caiu, tendo usado, ela própria, sua mão".

Eis, novamente, a Dido que distribui a justiça. O que me parece fundamental é que a morte voluntária de Elissa em holocausto a Siqueu é um gesto de amor e a leva de volta a ele. Siqueu é o seu Deus: é o amor estável que Elissa procurou, e não encontrou, no Troiano.

Para finalizar, gostaria de estabelecer um paralelo entre Camila e Dido e, mais frouxamente, Amata, as três rainhas que pagaram com a vida o preço de seu engano. Enquanto as duas primeiras surgem como personagens agentes e poderosas, Amata, mais frágil, se restringe ao âmbito da família.

Camila foi enganada pelo fulgor das armas de Cloreu; Dido, pelas artes de Vênus, pela beleza do herói (*os unerosque Deo similis* I 589); Amata, pelos seus poderes de esposa e de mãe. Ao fim, absolutamente conscientes de sua vida, indignam-se por haver errado: é nítida em Camila a indignação; em Dido, o remorso que leva à purificação pelo sacrifício; em Amata o remorso que leva à demência e à morte infame. Enquanto a primeira, indignada, abandona as armas e, gemendo, vai para o reino das sombras, Dido, humilhada e cheia de esperança, procura o primeiro amor. A rainha do Lácio, porém, fora de si após breve momento de consciência, procura a morte. (E na morte? Castigo? Descanso?)

Enfim, Diana, a quem fora consagrada Camila, dá-lhe sepultura. Siqueu, a quem Dido amara, recebe-a nos Infernos. E Amata? Nem se lhe menciona funeral: sua morte ignóbil não tem as dimensões do sacrifício de Dido ou da morte não procurada de Camila.

O que é preciso assinalar é que *o erro ficou – sempre – na vida*. Isto é bem claro no caso de Amata: a última lembrança é o seu último gesto: fim absoluto. Camila também não aparece nos Infernos. Morreu, simplesmente, apesar da bela imagem poética do décimo primeiro livro: *uitaque... fugit... sub umbras* (831). Portanto, morreu com ela o desejo das armas de Cloreu, se já não havia morrido antes, como ao meu ver morrera, no momento da consciência. Dido aparece no Aqueronte mas, com relação a Enéias, *inimica*, "não amiga", isto é, *sem amor*. Ou seja, o amor verdadeiro, que é o amor a Siqueu, vence a morte e a acompanha ao mundo das sombras, o que nos leva de volta às *Bucólicas*: *omnia vincit Amor*. O amor paixão, não: o amor que Vênus e Cupido insuflaram na pobre Elissa, e que a levou à morte e que Deus nenhum poderia vencer, a morte o venceu.

BIBLIOGRAFIA

I. Obras especiais.

BELLESSERT, A. *Virgilio, su obra y su tiempo*. Madrid, Tecnos (1965).

GUILLEMAIN, A.M. *Virgilio, poeta, artista y pensador*. Buenos Aires, Paidós (1965).

PERRET, J. *Virgile*. (Paris) Du Seuil (1959).

RAT, M. "Introduction". In: VIRGILE L'*Enéide*. Paris, Garnier (1960).

II. Textos.

OVIDE. *Héroïdes*. Paris, "Les Belles Lettres", 1961.

VIRGILE. *Enéïde*. Paris, "Les Belles Lettres", 1966.

RÉSUMÉ: Didon, sa vie, ses amours, sa mort. La reine, fidèle à la mémoire de Sychée, bâtit la ville de Carthage. Cependant, l'arrivée du Troyen a le pouvoir de tout bouleverser et, pour un moment, la reine abandonne ses promesses de jadis. A-t-elle oublié son premier amour? Comment peut-on expliquer qu'il la reçoive? Enfin, Didon est-elle coupable? Se sent-elle coupable? Comment doit-on comprendre sa mort? Châtiment? Destin? Désespoir? Remords?

Les femmes sont de grandes victimes dans le poème. En quoi Didon et deux autres reines, Camille et Amata, diffèrent-elles des autres personnages féminins?